



Velhice no meio urbano e rural

*Me. Cezar Grontowski Ribeiro,
Dra. Fátima Ferretti (editora-chefe)*

FisiSenectus . Unochapecó
Ano 5, n. 1 - Jan/Jun. 2017
p. 1-2

O mundo está passando por um período de transição demográfica. Até pouco tempo, caracterizava-se por altos índices de natalidade e mortalidade, sendo que, atualmente, as taxas de fecundidade apresentam valores decrescentes enquanto a expectativa de vida aumenta, com conseqüente elevação da proporção de idosos em relação ao número de jovens. Tanto o meio rural quanto o urbano têm sofrido inúmeras transformações que impactam diretamente na vida daqueles que ali residem. No Brasil, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹ demonstra em seus dados que houve um incremento de 0,7% dos idosos que vivem em ambiente rural e 4,28% dos que habitam zonas urbanas, quando analisado o período de 2000 a 2010.

Atualmente meio rural e urbano são abordados na perspectiva de continuum, em que se entende haver uma aproximação de ambos os contextos, derivados tanto da modernização do rural – que acaba com a visão de atraso –, quanto da variabilidade do urbano – que extingue a noção de que morar na cidade remete a progresso, dando lugar a uma multidimensionalidade em que se percebem potencialidades e dificuldades para se viver em ambos os contextos. Dessa maneira, municípios menores assumem mais características rurais, voltados à produção de alimentos, principalmente, enquanto que cidades de médio e grande porte apresentam um perfil urbano pautado no desenvolvimento de tecnologia e informação². O IBGE tem considerado como rural todo município com menos de 25.000 habitantes. Se essa classificação for tomada como referência, cerca de 75% dos municípios brasileiros estariam enquadrados como rurais³.

De acordo com o IBGE¹, o contingente populacional brasileiro é de 190.755.799 habitantes, sendo que destes 20.590.597 (10,79%) possuem mais de 60 anos (3,9% são homens que vivem em área urbana, 0,9% são homens vivendo em área rural, 5,19% são mulheres vivendo em área urbana e 0,81% são mulheres vivendo em área rural), com uma tendência de elevação desses percentuais até 2025, quando o país terá a sexta maior população de idosos do planeta, com os idosos representando cerca de 29% do total da população brasileira em 2050.

É importante destacar que existem diferenças de distribuição populacional dos idosos no Brasil quanto ao meio em que vivem, sendo que a proporcionalidade de homens e mulheres é diferente nos ambientes urbano e rural. Quando analisado o número total de idosos, existe predominância feminina no ambiente urbano (48,05% contra 36,09% de homens) enquanto que no rural há maior número de idosos do sexo masculino (8,38% de homens e 7,48% de mulheres), verificando-se, de maneira geral, que a proporção atual de idosos homens é de 81 para cada 100 mulheres¹.

No que se refere à manutenção da saúde o que está em jogo para o idoso é sua autonomia e independência, ou seja,

a capacidade de determinar e executar seus próprios desígnios. Ramos⁴ explica que:

[...] qualquer pessoa que chegue aos oitenta anos capaz de gerir sua própria vida e determinar quando, onde e como se darão suas atividades de lazer, convívio social e trabalho (produção em algum nível), certamente será considerada uma pessoa saudável, independentemente do número de enfermidades crônicas que tenha.⁴

O meio rural, segundo estudos, apresenta melhores condições para o envelhecimento nos níveis familiar, psicológico e social^{5,6}. Foram evidenciadas como vantagens de viver em meio rural: – o fato do contexto físico permanecer estável por um período mais duradouro, onde as transformações são graduais e mais lentas, criando um sentimento de pertencimento do indivíduo em relação ao meio; maior estabilidade da população, o que reflete na criação e manutenção de laços afetivos com parentes e vizinhos, obtendo maior apoio prático, emocional e psicológico. O mesmo não é verificado, de acordo com os autores, nos ambientes urbanos, onde a agitação e o ritmo de vida diminuem a possibilidade de usufruir desses aspectos em sua plenitude. O maior benefício de residir no ambiente rural, entretanto, é o **sentido de identidade**^{7,8}.

Já outras pesquisas apontam que viver em meio urbano proporciona maiores vantagens em relação ao rural no que se refere aos aspectos físicos e psicológicos, e nas questões de acesso à informação e serviços de saúde^{9,10}.

“O prolongamento da vida é uma aspiração de qualquer sociedade, este somente pode ser considerado como uma real conquista na medida em que se agregue qualidade aos anos adicionais de vida”¹¹. Esse pensamento remete à necessidade de realizar estudos que possam fornecer subsídios para discussão de estratégias que permitam ao idoso permanecer ativo e independente, garantindo sua qualidade de vida. Se o nível de independência é importante para garantir uma boa condição de saúde, manter-se ativo passa a ser necessário, e estudar esse tema passa a ser fundamental para identificar informações que permitam estabelecer ações e estratégias para garantir a independência funcional dessa população, independente do meio em que residam.

Referências

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas. Síntese de Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.
2. Lindner M, Alves FD, Ferreira ER. Presença da ruralidade em municípios gaúchos: o exemplo de Silveira Martins, RS. In: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária. São Paulo; 2009. p. 1-15.
3. Martins CR, Albuquerque FJB de, Gouveia CNNA, Rodrigues CFF, Neves MT de S. Avaliação da qualidade de vida subjetiva dos idosos: uma comparação entre os residentes em cidades rurais e urbanas. *Estud. interdiscip. envelhec.* 2007;11:135-54.
4. Ramos LR. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. *Cad. saúde pública.* 2003;19(3):793-798.
5. Dal Pizzol T da S, Pons E da S, Hugo FN, Bozzetti MC, Sousa M da LR de, Hilgert JB. Uso de medicamentos entre idosos residentes em áreas urbanas e rurais de município no Sul do Brasil: um estudo de base populacional. *Cad. saúde pública.* 2012;28(1):104-114.
6. Márquez-Montero G, Loret de Mola C, Bernabé-Ortiz A, Smeeth L, Gilman RH, Miranda JJ. Health-related quality of life among urban and rural to urban migrant populations in Lima, Peru. *Rev. peru med. exp. salud pública.* 2011;28(1):35-41.
7. Sequeira A, Silva MN. O bem estar da pessoa idosa no meio rural. *Anál. psicol.* 2002;20(3):505-16.
8. Bonomo M, Souza L de, Melotti G, Palmonari A. Princípios organizadores das representações de rural e cidade. *Soc. estado.* 2013;28(1):91-118.
9. Ayres KV, Brito SMO, Lipp MN. Stress feminino: um fenômeno possível na cidade e na roça. In: Fernandes A, Medeiros ILA, Brasileiro MCE. *Olhar Multifacetado na Saúde.* Campina Grande: EDUEP; 1999. p.145-171.
10. Hinck S. The lived experience of oldest-old rural adults. *Qual. health res.* 2004;14(6):779-791.
11. Veras R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Rev. saúde pública.* 2009;3(3):548-554.